

O MITO DA “ILHA BRASIL” A ESTRUTURA DO MITO E A IDEIA DE BRASIL LATINO

EI MITO DE LA “ISLA BRASIL” LA ESTRUCTURA DEL MITO Y LA IDEA DE BRASIL LATINO

Nícollas Cayann¹

(Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA)

Resumo

Com base em bibliografias de História das Relações Internacionais e fazendo uso de leituras referentes à ideia literária de mito, busca-se revisitar autores como Ian Watt (1997) e Edmund Leach (1969). O artigo surge de uma leitura crítica do trabalho de Sampaio Goes, na obra “Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas”, de 1991, apresentando a ideia de “Ilha Brasil” como uma espécie de concretização do imaginário de viajantes. O trabalho busca, nesse viés, promover uma interação com a temática de Literatura de Viagem. Produzido com base no uso de revisão bibliográfica e pesquisa documental, utilizando fontes secundárias abordadas de forma qualitativa, o artigo pretende elucidar o mito de “Ilha Brasil” como um dos possíveis fatores de distanciamento da ideia de “Brasil Latino”, tendo como objetivo secundário estimular a pesquisa em torno da latinidade brasileira.

Palavras-chave: Ilha Brasil; Brasil Latino; América Latina; Literatura Comparada; História das RI.

Resumen

Con base en bibliografías de Historia de las Relaciones Internacionales y haciendo uso de lecturas referentes a la idea literaria de mito, se busca revisar autores como Ian Watt (1997) y Edmund Leach (1969). El artículo surge de una lectura crítica del trabajo de Sampaio Goes, en la obra "*Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas*", de 1991, presentando la idea de "Isla Brasil" como una especie de concreción del imaginario de viajeros. El trabajo busca, en ese sesgo, promover una interacción con la temática de Literatura de Viaje. En el artículo se pretende elucidar el mito de "Isla Brasil" como uno de los posibles factores de distanciamiento de la idea de "Brasil Latino", teniendo como objetivo secundario, en base al uso de revisión bibliográfica e investigación documental, utilizando fuentes secundarias abordadas de forma cualitativa, estimular la investigación en torno a la latinidad brasileña.

Palabras clave: Isla Brasil; Brasil Latino; América Latina; Literatura Comparada; Historia de las RI.

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas e atualmente mestrando em Literatura Comparada na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. nicollascayann@gmail.com

INTRODUÇÃO

Com fundamento em bibliografia no campo da História das Relações Internacionais e considerando os aspectos literários do conceito de mito, este trabalho de pesquisa tem o propósito de demonstrar a ideia de “Ilha Brasil” (com inspiração em uma leitura crítica da obra *Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas*, de Sampaio Goes – 1991) como um dos fatores distanciadores da latinidade brasileira. O trabalho traz uma breve análise da ideia de mito em Ian Watt (1997) e alguns aspectos do conceito de mito de Edmund (1969), ainda apresenta uma aproximação com a literatura de viagem e a questão do mito da “Ilha Brasil”. Com base no uso de técnicas de pesquisa documental e de análise bibliográfica, o trabalho tem como base fontes secundárias, assim como a aplicação de uma abordagem qualitativa. A proposta busca demonstrar um aspecto geográfico e político das dimensões do Brasil que de certa forma conversa com o distanciamento do Brasil da ideia de América Latina. Tendo em vista a localização geográfica da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, e considerando a proposta fundadora dessa mesma universidade, este artigo tem também a proposta de instigar mais estudos em torno da ideia de Brasil Latino.

O período em que a ideia de América Latina se desenvolveu não é um período de uniformidade latina para todos os países da, até então, América Hispânica, que dirá para o Brasil! Os processos que fundaram o conceito de América Latina começaram de forma exógena, porém com o tempo passaram a ser endógenos.

As colônias americanas da região ibérica da Europa, subsistiam em torno de uma prática de parasitismo social promovido pela colônia² (BOMFIM, [1905])³. Apenas na primeira metade do século XIX que tomaram vigor os movimentos independentistas das colônias de origem hispânica. Na intenção de unir as ex-colônias espanholas é criado então o termo hispano-américa. Embora o termo hispano-américa não desse voz a diversas narrativas, ele foi bem abraçado, primeiramente pelas *Elites Criollas* (MIGNOLO, 2007), e mais tarde por toda (ou uma grande parcela) da então América Hispânica.

² Trata-se da ideia de “viver à custa de iniquidades e extorsões”

³ Manoel Bomfim foi um autor brasileiro que já via o mundo de forma “pós-colonial” (mesmo que a teoria, como recurso crítico, só venha em 1970). Trabalhava com uma narrativa de resistência aos ideais do Norte Global.

Politicamente o intento era demonstrar, em âmbito internacional, uma unificação dos territórios da América Hispânica, em formato de afronta aos possíveis movimentos colonizadores europeus e também como uma prevenção a nova e fortificada potência regional Estados Unidos.

O processo identitário que gerou a América Latina (enquanto termo) foi feito primeiramente de forma exógena, francófona (BETHELL, 2009), e só depois passou a ser um processo endógeno com resignificação, contudo, assim como o termo América Hispânica, as vicissitudes na terminologia ainda buscam amplitude para agregar as diversas narrativas do território (DINIZ, 2007). Estas idas e vindas de reflexões ora externas, ora internas, acabam por desenvolver o ideário latino-americano e se fortifica a ideia de América Latina.

Utiliza-se a expressão “ideia de América Latina” emprestando de Walter Mignolo (2005). Frisa-se esta proposta por ser indispensável que pesquisadores, estudiosos, alunos e qualquer pessoa envolvida em um projeto sobre a latinidade compreenda que o termo não é estático, mas uma ideia. Os aspectos históricos, geográficos, linguísticos, políticos que permeiam a ideia de América Latina são fatores importantes para a compreensão daquilo que gerou o Brasil Latino. Deve-se levar em consideração o local de fala do autor que vos escreve: A UNILA. Na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) acontece um encontro de culturas tão plural que se lê como singular. A proposta de união de pessoas de diversos países latino-americanos em uma sala de aula é fantástica. Contudo, essa experiência é condicionada à uma realidade irreplicável no restante do Brasil e dos demais países da América Latina. Por isso é importante a compreensão de que: 1) América Latina é uma ideia; 2) O Brasil nem sempre fez parte da ideia de América Latina; 3) Existem estudiosos que não acreditam na existência de um Brasil Latino.

Este artigo foi formulado com o propósito de demonstrar a passagem da “Ilha Brasil” ao Brasil Latino. Naquilo que concerne à estrutura do artigo, fica estabelecido que além desta introdução, o trabalho contará com uma segunda seção com a finalidade de debater a “Ilha Brasil” enquanto mito; e uma parte conclusiva.

O MITO DA “ILHA BRASIL”

Contar histórias é um ato tão antigo quanto a própria humanidade. O costume de absorver/transmitir acontecimentos ou crenças foi um ato corriqueiro desde os primeiros tempos. A história foi conservada através de lendas e mitos, passados de geração a geração, durante milênios; essas lendas e mitos ofereceram respostas, explicações, sobre diversas situações. Os signos escritos (a escrita em seu cerne) tiveram início em função de registros matemáticos, não muito elaborados, cujas finalidades eram comerciais e administrativas/financeiras. Pouco a pouco o sistema da escrita foi se ampliando e aumentando o leque de possibilidades de seu uso. Com o desenvolver da linguagem escrita foi possível, então, registrar histórias que surgiram primeiramente no formato de lendas e mitos.

Essas primeiras narrativas (não orais) cristalizaram determinados momentos na história de cada povo. Daquilo que a humanidade possui como conhecimento é possível verificar, ainda, os poemas épicos (esses longos poemas narrativos), que são ainda o registro mais antigo desse formato literário, como uma das maneiras de cristalizar um mito. Tanto a epopeia de Gilgamesh, as grandes epopeias sânscritas, e tantos outros exemplos, narram momentos decisivos na história de cada civilização, muitas vezes o momento de início, ao qual a teoria literária denomina mito fundador.

Em um de seus estudos mais polêmicos Bultmann define o mitológico como: “[...] um modo de representação no qual o incomum, o divino, aparece como ordinário e humano [...]” (BARTSCH, 1943). Essa foi uma das passagens que chamou atenção e acabou influenciando os estudos sobre mitos realizados por Leach (1983). Leach utiliza a Bíblia como objeto de estudo, e faz uso dos estudos estruturalistas para aferir possibilidades interpretativas das histórias da Bíblia, assim como verificar os aspectos mitológicos dessas narrativas. O trabalho de Leach levanta alguns pontos importantes. Logo no início, o autor ressalta:

Mas, se os mitos não significam aquilo que parecem significar, como vieram a ter qualquer significado? Qual é a natureza do modo esotérico de comunicação através do qual o mito parece dar “expressão a realidades inobserváveis”? (LEACH, 1983, p. 57).

Um das possíveis leituras da ideia de mito seria relacionada à definição do termo como “algo inexistente” suficiente. Para este estudo será utilizada a ideia de mito simbólico, um mito capaz de se reproduzir em diferentes

ambientes, de diferentes formas, e ao mesmo tempo preservar seu cerne. Contudo, nas palavras de Ian Watt:

Of course, I accept the view that mythical stories are in some way symbolic; that is, they stand for larger and more permanent meanings than their represented actions literally denote; but these meanings should not be above and beyond reason. Victor Turner's definition of myths "sacred narratives" that "derive from transitions" seems a little too absolute (WATT, 1996, p. 16)⁴.

Nesta perspectiva, o artigo trabalha com a ideia de que os mitos são, sim, denotações simbólicas com significações duradouras e que permeiam vários âmbitos, numa perspectiva plausível, ou seja, que não seja "*beyond reason*"⁵. A literatura de viagem funciona aqui como um mecanismo de reflexão, pois era muito comum a insurgência de mitos e fantasias nas produções de literatura de viagem, mas a proposta do artigo é uma leitura pautada pela razão, não no sentido de aferir a existência de dragões, quimeras e afins, mas no propósito de buscar compreender com que base surgiram esses mitos; no caso do artigo, a Ilha Brasil.

Os primeiros relatos de viagem representavam apenas prestação de contas e inventários. Porém, à medida que o fluxo de embarcações foi aumentando, juntamente com o interesse dos colonizadores pela região, as frotas foram ficando mais equipadas, e logo geógrafos, astrônomos, literatos e outros intelectuais passaram a desbravar o Novo Mundo e relatar suas viagens (SHERMAN, 2002). Foi através deste tipo de perspectiva que foi publicado o mapa de Waldsmüller em 1507, por meio do qual é dado o nome América para o trecho conhecido do continente, até então nomeado como Novo Mundo.

⁴ Obviamente, aceito a visão de que as histórias míticas são, de certa forma, simbólicas; isto é, elas representam significados maiores e mais duradouros do que suas proposições literárias denotam; porém estes significados não devem estar acima e além da razão. A definição de Victor Turner para mito como "narrativa sagrada" que "provém de transições" parece um tanto absoluta. (Tradução do autor)

⁵ Além da razão.



Universalis Cosmographia

Biblioteca do Congresso, Washington D.C. 1507

Mesmo que a cientificidade tenha aparecido apenas na metade do século XVII na literatura de viagem, entrando assim na categoria de ciências de Sherman (2002), os primeiros relatos já tinham essa pretensão discricionária de provar (cientificamente). Entretanto, nos primeiros relatos sobre as terras brasileiras era comum o uso de animais fantásticos e seres imaginários:



Ser Imaginário em “A História da Província Santa Cruz” (MAGALHÃES, 1576)

Em 1557 era publicado o livro de André Thevet *Les Singularités de la France Antarticque* que trouxe várias imagens descritivas da fauna e da flora brasileira (muitas delas tidas como fantasiosas na atualidade):



Descrições de Fauna e Flora (THEVET, 1557)

De acordo com Whitehead (2002), a descoberta da parte sul das Américas deixou muito mais espaço para imaginação do que a descoberta do norte do continente. O autor atribui esse foco imaginativo principalmente ao “inferno verde”:

As a result, the notion of a heart to this forest darkness, an essence that lies deeper and ever deeper under the arboreal canopy, repeatedly drives the narrative forms of description, from the El Dorado of Walter Raleigh to Col. [...] This imaginary geography excludes both the grasslands of the southern cone and, more significantly, the Andes and its Incan Empire, which have otherwise loomed large in the literature of the Americas. However, from the perspective of travel the literature production of those locales, being relatively devoid of surviving savages or uncharted spaces, has taken second place to the descent into the ‘green hell’ of jungle Amazonia (WHITEHEAD, 2002, p. 124)⁶.

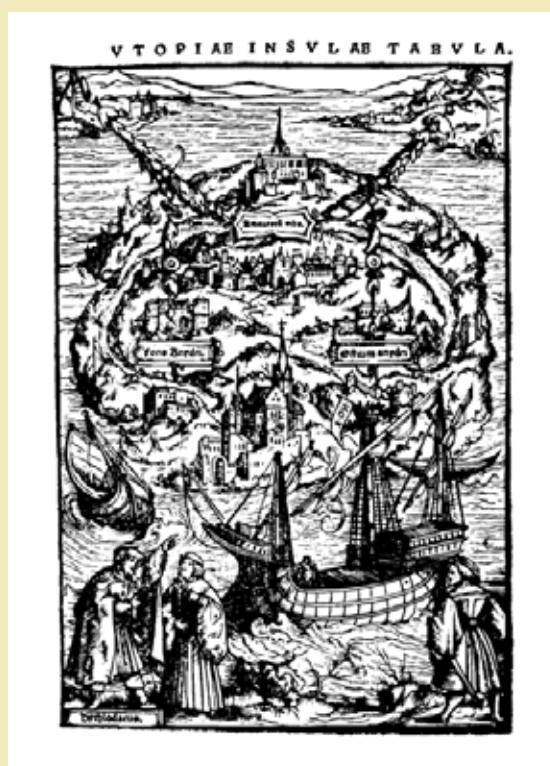
Uma parte considerável de autores atribui este fator imaginativo à Amazônia, mas além do El Dorado e outros mitos cabíveis na concepção de Amazônia, o Brasil foi também protagonista de um mito europeu de utopia. Thomas More publica em 1516 o livro A Utopia, data que compreende o

⁶ Como resultado, a noção de coração (centro) para escuridão dessa floresta, uma essência que busca respaldo nas profundezas das marquises arbóreas, conduz repetidamente à forma narrativa do El Dorado de Walter Raleigh [...] Esta geografia imaginária exclui tanto as pradarias do cone sul quanto (de forma mais severa) os Andes e o Império Inca, o qual havia aparecido (até então) mais corriqueiramente na literatura das Américas. Contudo, visando a produção de Literatura de Viagem desses locais, a dedicação recorrente à sobrevivência em meio aos “selvagens” ou lugares inóspitos, acabou perdendo espaço para o “inferno verde” da Floresta Amazônica. (Tradução do autor)

período imediatamente posterior ao "descobrimento" do Brasil (vale lembrar dois fatores importantes: os relatos de viagem levavam certo tempo para publicação; alguns relatos eram tidos como segredo de Estado). De acordo com Bernard Émery:

A relação cronológica, e daí ideológica, entre o aparecimento das caravelas portuguesas nas imediações daquilo que devia se chamar Porto Seguro, em abril de 1500, e a publicação da obra fundadora de Thomas More, *A Utopia*, em 1516, em Lovania, é geralmente pouco conhecida ou considerada como inexistente, a não ser que se trate globalmente do impacto do Novo Mundo na formidável ebulição mental do Renascimento europeu (ÉMERY, 2007, p. 73).

Fica difícil acreditar que foi por acaso que Thomas More não deixou expressa uma localização geográfica da ilha de Utopia. O Helenismo presente na narrativa de More obrigava sua escrita a manter esse ideário distante e ao mesmo tempo gerar esse paralelo com a realidade, realidade esta que no caso da ilha de Utopia buscou respaldo nas descrições de Caminha ao Rei de Portugal (ÉMERY, 2007).



Xilogravura de Ambrosius Holbein para edição de 1518.

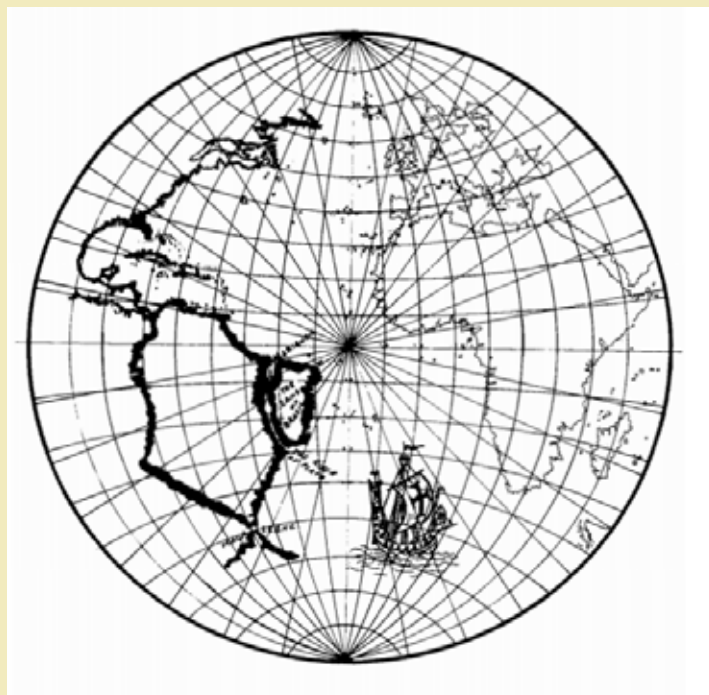
Não é a toa que o Brasil foi primeiramente conhecido como Ilha de Vera Cruz. O imaginário de “Ilha Brasil” e Ilha de Utopia se completam.

Sampaio Goes (1991) aborda essa ideia de uma descrição de Ilha nas terras brasileiras. O mito de que o Brasil era uma ilha isolada do restante do continente perdurou por bastante tempo, e foi representado em vários mapas de diferentes épocas. A Pindorama dos índios não era geograficamente estruturada (não na ideia de geografia utilizada pelos colonizadores), mas baseada nas informações dos indígenas e nas análises dos intelectuais que desembarcavam no Brasil, dando, assim, credibilidade ao mito. Como exemplo, temos o mapa de Ruscelli de 1599:



A "Ilha Brasil" no mapa italiano de Ruscelli (1599).

Além do mapa do italiano Ruscelli, no qual existe uma curiosa insurgência de um vulcão, outros materiais históricos e cartográficos foram produzidos mantendo 'cientificamente' comprovado o mito da "Ilha Brasil". Nas palavras de Goes (1991): "é certo que se pode ver uma ilha Brasil em vários mapas antigos; é certo que Portugal procurou ocupá-la com ações contínuas no Prata e no Amazonas [...]. Um outro exemplo cartográfico da Ilha Brasil é do britânico Rotz, no qual é possível ver como um apêndice de terra ao lado do continente a ilha batizada como "*The Land of Brazil*":



A “Ilha Brasil” no mapa-múndi inglês de John Rotz (1542)

Além dos relatos cartográficos também é possível ler a “Ilha Brasil” nas produções literárias brasileiras. Goes utiliza uma citação, emprestada do Cortesão, em que menciona um trecho da obra do padre Simão de Vasconcelos:

Contam os índios versados no sertão que, bem no meio dele, são vistos darem-se as mãos estes dois rios [o Prata e o Tocantins] em uma lagoa famosa ou lago fundo de águas que se ajuntam das vertentes das grandes serras do Chile e Peru, e demora sobre as cabeceiras do rio que chamam São Francisco, que vem desembocar ao mar em altura de dez graus e um quarto; e que desta grande lagoa se formam os braços daqueles grossos corpos... que... abarcam e torneiam todo o sertão do Brasil... Verdade é que, com mais larga volta, se avistam mais no interior da terra [o Prata e o Amazonas] (GOES, 1991, p. 75).

Um dos aspectos mais interessantes, naquilo que tange o formato desta pesquisa, é a questão da veracidade. Em teoria literária, pode-se dizer, considera que é exatamente a ausência de veracidade que possibilita o mito em si (LEACH, 1983), contudo é costumeira a tentativa de propagadores do mito de atribuir a condição de verdade às vozes que narram o mito. Buscar respostas cartesianas para propostas míticas não é algo incomum. Sampaio Goes (1991) dá ao leitor indícios de que o mito em torno da “Ilha Brasil” (sendo utilizada enquanto alegoria para a Ilha de Utopia) possuía base teórica não só

nas dimensões passadas pelos indígenas, mas também em observações feitas por viajantes:

Na área do Distrito Federal encontram-se, quase se tocando, as nascentes de rios das bacias do Prata e do Araguaia-Tocantins (e também a do São Francisco). Nas proximidades de Planaltina, no Parque das Águas Emendadas, existe o que um folheto da Secretaria de Agricultura do Governo do Distrito Federal, de 1979, chama, provavelmente com exagero, “um dos mais extraordinários fenômenos hídricos do mundo”. Nas extremidades de um pântano, estreito e comprido, nascem dois córregos que vão lançar suas águas, um no rio Maranhão, tributário do Tocantins, outro no rio São Bartolomeu, que pertence à bacia do Paraná. Se se quisesse forçar mais a coincidência do mito com a realidade, poderia ser lembrado, primeiro, que o pântano pode ter sido um lago e, depois, que bem próximo existe realmente uma lagoa, a histórica Lagoa Bonita, sempre mencionada por visitantes ilustres do Planalto Central, como Varnhagen e Luis Cruls (GOES, 1991, p. 74).

Jaime Cartesão, vindo de Portugal e apaixonado por historiografia (RIBEIRO, 2015), já usava em seus estudos o mapa-múndi de Bartolomeu Velho (GOES, 1991). Produzido em Lisboa, em 1561, o mapa narra esta citação acima mencionada:



Mapa-múndi, Bartolomeu Velho (1561) – Museu Naval de La Spezia. In: CINTRA, 2013.

É possível ver, no mapa de Bartolomeu Velho, o território lusófono banhado pelo mar e no centro do mapa vários rios finos e extensos, saindo de duas nascentes principais e recortando a “Ilha Brasil” do continente, e desaguando no Prata. Também é possível ver os traços desses rios (embora

uma das legendas esteja sobreposta àquilo que seria o encontro de vários deles) na Carta Geral do Brasil, o mapa das capitâneas hereditárias de Luís Teixeira (1568):



Mapa das Capitâneas Hereditárias: Carta Geral do Brasil. Luís Teixeira. In: CINTRA, 2013.

Da Ilha Brasil à compreensão de que o Brasil era parte, geograficamente falando, da parte sul da América, foi um processo geopolítico. O processo que fez a América Hispânica se tornar América Latina foi mais identitário e político do que geográfico. Ainda é preciso ressaltar que os processos geográficos e geopolíticos também são definidores de identidades. É o que acontece com o conceito de América Latina, que é ao mesmo tempo

geográfico, linguístico, político e cultural (DINIZ, 2007). A própria ideia de América Latina surgiu de uma construção francófona (ARDAO, 1965) e se reformulou com subsídios exógenos e endógenos até encontrar seu lugar na identidade da região.

Da Ilha Brasil ao Brasil Latino percorremos um longo trajeto. Trajeto esse que alguns autores, a exemplo de Bethell (2009), tem dificuldade em reconhecer. Quando Bethell diz que o Brasil não faz parte da ideia de América Latina (e que nunca o fez) ele está descartando uma identidade que foi e é construída nas terras brasileiras pouco a pouco. É preciso lembrar que não existe um contrato dizendo quem ‘fundou’ a América Latina e quais são os pré-requisitos para fazer parte deste grupo. Mais importante ainda é frisar que a América Latina é uma ideia. Proponho desta forma, uma leitura do mito “Ilha Brasil” como um afastamento físico que teve suas marcas, embora singelas, no afastamento ideológico do Brasil em relação ao restante da América Latina, mantendo, então, o Brasil “ilhado” por tanto tempo no sul da América.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura de Viagem é um gênero literário que engloba vários aspectos do “outro”, agrupa várias características, relatadas por viajantes, que acabam como ferramenta de poder nas mãos dos colonizadores e exploradores. A etnografia (como relato descritivo de diversas etnias, culturas e suas características antropológicas e sociais, registros culturais), assim como a etnologia (estudos etnográficos) são fenômenos de forte presença e impacto no século XIX e cruciais para o desenvolvimento de uma “história da humanidade” (RUBIÉS, 2002).

Todavia já existiam relatos etnográficos nos textos mais antigos, essa etnografia dos relatos mais antigos é comumente associada à ideia de mito, pois eram sempre repletos de fantasias e imaginário. Imaginário esse que muitas vezes, como o caso das amazonas, já vinha pré-moldado e era “encontrado” no Novo Mundo (WHITEHEAD, 2002).

As narrativas do Novo Mundo estão escritas em línguas europeias (MIGNOLO, 2008). Os ideários que se formam pouco tem do índio das terras brasileiras, o mito da “Ilha Brasil” é também uma fabricação ocidental que buscou respaldo e comprovação através das mais variadas fontes intelectuais.

O formato geográfico do Brasil, assim como da América do Sul (e do continente como um todo) demorou alguns séculos para ser representado como conhecemos hoje. Na sequência, a história presenteou a região com processos que geraram batalhas e assim delimitaram Estados e regiões, e compuseram diferentes narrativas de luta e pertencimento, não muito distantes desses processos geopolíticos que moldavam a identidade da região. Na voz de Neruda em “*Los Versos del Capitán*”:

*Cuando miro la forma
de América en el mapa,
amor, a ti te veo:
las alturas del cobre en tu cabeza,
tus pechos, trigo y nieve,
tu cintura delgada,
veloces ríos que palpitan,
dulces colinas y praderas y
en el frío del sur tus pies terminan
su geografía de oro duplicado.*

*[...]Y así mi patria extensa me recibe,
pequeña América, en tu cuerpo
(NERUDA, 2012 [1952]).*

Assim como a ideia de América Latina ainda busca se reafirmar, se remodelar (na busca de inclusão de vozes prejudicadas em sua narrativa), e se reajustar às mais diversas realidades de seu território, a ideia de Brasil Latino também é um processo.

REFERÊNCIAS

ARDAO, Arturo. **La idea de Latinoamérica**. Montevideu: Marcha, 1965.

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. **Estudios Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, , p. 289-321, jul-dez 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v22n44/v22n44a01.pdf> > Acesso em 05 jun. 2017.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina – Males de Origem**. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks Editora, 2005 [1905].

BULTMANN, Rudolf. **Kerygma and Myth by Rudolf Bultmann and five critics**. New York, 1948.

CAMPBELL, Mary. Travel Writing and its theory. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim. **The Cambridge Companion to Travel Writing**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, 338 p.

CINTRA, Jorge Pimentel. **Reconstruindo o mapa das capitanias hereditárias**. Anais do museu paulista, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 11-45, jul-dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v21n2/a02v21n2.pdf>> Acesso em: 16 jul. 2017.

DINIZ, Dilma Castelo Branco. O Conceito de América Latina: uma visão francesa. **Caligrama Revista de Estudos Românticos**, Belo Horizonte, n. 12, p. 129-148, dezembro 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/185/137>> Acesso em: 16 jul. 2017.

ÉMERY, Bernard. **A Utopia Brasileira**. Portuguese Cultural Studies, Grenoble, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1038&context=p>> Acesso em: 16 jul. 2017.

GOES, Sampaio. **Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1991. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/navegantes_bandeirantes_diplomatas.pdf> Acesso em: 16 jul. 2017.

LEACH, Edmund. A Legitimidade de Salomão, **Nascimento Virgem e Genesis enquanto um mito**. In: DAMATTA (Ed.). Edmund Leach. São Paulo: Atica, 1983.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. 1ªed. Barcelona: Gedisa, 2007. 241 p.

MIGNOLO, Walter. Novas Reflexões sobre a “ideia de América Latina”: a direita, a esquerda e a opção decolonial. **Caderno CR**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 239-252, maio-ago. 2008,. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n53/a04v21n53.pdf>> Acesso em: 16 jul 2017.

MORE, Thomas. **Utopia**. Brasília: FUNAG, 2004 [1516]. Disponível em: <<http://funag.gov.br/loja/download/260-Utopia.pdf>> Acesso em: 16 jul 2017.

NERUDA, Pablo. **Los Versos del Capitán**, Seix Barral, 2012 [1952].

RIBEIRO, David. **Cartografia das Relações, as condições da produção intelectual e os percursos da escrita história de Jaime Cortesão no Brasil**. Dissertação (História Social). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2015, 261 p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02032016-142848/publico/2015_DavidWilliamAparecidoRibeiro_VCorr.pdf> Acesso em: 16 jul. 2017.

RUBIÉS, Joan Pau. Travel Writing and ethnography. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim. **The Cambridge Companion to Travel Writing**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, 338 p.

SHERMAN, William. Strirrings and seachings (1500-1720). In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim. **The Cambridge Companion to Travel Writing**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, 338 p.

THEVET, André. **Les singularités de la France Antarctique, autrement nomée Amerique**. Paris, 1557. Disponível em: <<http://libgen.io/ads.php?md5=042F522BAA8E8BE1211F9CABE94F2650>> Acesso em: 16 jul 2017.

WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robson Crusoe**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

WHITEHEAD, Neil L. **South America/Amazonia: the forest of marvels**. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim. **The Cambridge Companion to Travel Writing**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, 338 p.